

Rio das Almas

Ricardo Russano

*Nuestras vidas son los rios
Que van dar en la mar*
Jorge Manrique, *Coplas a la muerte de su padre*

O primeiro contato com a água era um divisor natural. O frio trazia um desconforto que, se não era insuportável, fazia-se notar: não está mais em sua casa. Lucas e Marcos seguiam o ritual: primeiro mergulhavam para acostumar com a temperatura da água, depois buscavam a boia que haviam deixado em terra firme. A boia era preta e com o formato de uma câmara de ar, dessas de carro, e tinha esse formato justamente porque era uma câmara de ar de trator. Nada de diferente, quase todos os meninos tinham uma dessas para descer o rio, os que não tinham dividiam com algum amigo. Há algum tempo o avô de Lucas arrumara a boia para o neto, que logo chamou Marcos para descerem juntos as corredeiras do rio. Desde esse dia era a mesma coisa, pegavam a estrada do Calipá, seguiam até a ponte, de lá começavam a descer o rio. Iam contando, uma, duas, na terceira ponte aportavam de volta.

Assim faziam todos os meninos. O pai de João avisara, outros também avisavam: depois da terceira ponte não se volta, o rio cresce em corredeiras mais violentas e nenhuma ponte surge para o sossego. Parar? Só seguindo muito, muito, que se chega à rodovia, mas até lá... Outros pais não diziam nada, não porque discordassem das coordenadas, mas porque discordavam da brincadeira. O rio

tinha uns vinte metros de largura; variava muito. Em época de cheia, só os meninos mais velhos é que tinham coragem de descer a correnteza de boia; mesmo para mergulhar da ponte o rio ficava perigoso. Diziam que o filho de seu Inácio sumira descendo o rio em sua boia, finais de março, nunca voltou. Foi um choque na cidade, o menino, tão bom, dizia o pai que seria engenheiro, construía o prédio novo da prefeitura, a reforma da ponte também ficaria por conta do menino, grande engenheiro feito, que o pai, esses problemas, em sua cabeça já tinha tudo resolvido. Outro que contavam a morte no rio era o bêbado Zé-Gato. Pulou, falavam, bêbado inteiro, mergulhão da ponte, épocas de seca, nem água suficiente tinha pra receber gente, quem viu o corpo não gostava de falar. Outros tantos tinham perdido a vida no correr daquele rio, que assim, batizado Rio Branco, acabou ficando Rio das Almas.

Molhados os dois, era hora de pegar a boia. A regra era ficar cada um de um lado: pesavam quase a mesma coisa e assim a embarcação improvisada, que tinha como maior defeito a falta de prumo, permanecia equilibrada.

— Marcos, rema aí pra virar um pouco. Estou descendo de lado.

Seguiam assim os primeiros movimentos na água, ordenando a descida. O principal, pensavam, é ordenar logo o começo – viagem começando enviesada terminava nem se sabe como. Tinham mesmo essa confiança, de que todo o rumo da viagem pautava-se pelo seu começo.

— Mais, Marcos, estamos descendo de lado, daqui a pouco estamos de costas e nem passamos da primeira ponte.

Era uma espécie de decolagem. Só depois de aprumada a boia, tomados os lugares corretamente, bico à frente seguindo em trajetória navegável, só aí podiam os dois relaxar. Não sei dos outros meninos como funcionavam as viagens pelo Rio das Almas, se era assim tudo tão determinado pelo anterior, mas Lucas e Marcos, esses dois sim, que se não cruzavam a primeira ponte já totalmente aconchegados como de costume, eram bem capazes de remar até a margem, subir o leito do rio e começar tudo de novo. Mania, alguns dirão. Mas entendo. Havia a avó do Lucas, que bordava muito, até vendia os bordados prontos. Pois a avó do Lucas bordava sempre do mesmo jeito: descia as escadas de casa, pegava um copo de suco, subia as escadas, ajeitava as almofadas do sofá, sentava e começava. O primeiro ponto, dizia ela certa vez que Lucas quis aprender a bordar – escondido de todo mundo, é claro –, é o mais importante. O neto não entendeu muito bem, a avó explicou. Errando o último, conserta-se o último. Errando o primeiro, conserta-se o último, o penúltimo e todos os outros também. O primeiro ponto do bordado definia como seriam todos os outros. O primeiro ponto faz a toalha, dizia a avó. Lucas entendeu, até concordava, mas aí a seguir tanto assim? Via das dúvidas, certo dia contou ao amigo. Marcos tinha em sua casa uma toalha bordada e presenteada por dona Leonor, avó do amigo; nas laterais da toalha flores azuis recebiam pequenos pássaros alaranjados de asas abertas. Amava aquela toalha, nem sabia o porquê. Tão logo o amigo contou das manias da avó na hora de bordar, Marcos decidiu que assim é que navegariam.

Içar as âncoras, homens, aprumar a embarcação em seu rumo, isso faz o navegante, que assim está quase tudo resolvido. O movimento das águas é de conhecimento, sempre abaixo, rio vai sempre ao mar. Não se luta contra a correnteza, mas dela se aproveita.

— Viramos muito, Lucas, põe a mão na água. Volta um pouco, já está quase reto.

Uma remada com a perna aqui, uma instrução ali, estavam já no prumo, seguindo direitinho correnteza abaixo. Aí vinha o calor, o corpo empapado pela mistura de suor e água doce. Outros ali se jogariam da boia, batendo as pernas com força e esparramando água, mas os dois não podiam perder o rumo que com tanta dificuldade encontraram. Com as mãos faziam conchas que enchiam com água do rio, depois levavam as mãos ao rosto, ao peito, aos braços. O calor era assim, o primeiro a chegar depois de tudo feito; depois dele vinham os pensamentos, depois a conversa. Assim seguia.

— Por que você não saiu ontem? Ficamos lá na rua, a quadra estava fechada.

— Meu pai. Chegou em casa irritado. Logo que me viu começou a falação. Dever, cadê? Pensa que é tudo brincadeira? Nada de rua, pode ir pro seu quarto fazer a lição.

— Mas se nem tinha lição.

— Da próxima vez você passa lá pra avisar ele, então.

— Foda! Ainda bem que meu pai trabalha longe. Quando chega só quer saber de perguntar como vai tudo. Pede pra eu ficar em casa, aproveitar a companhia dele, digo que volto mais cedo, não volto, e ele nem bravo não fica.

— Como eu queria que fosse assim em casa também, podia ir meu pai e minha mãe, que é outra.

— Brigar mesmo só em final de ano. Dá uns dez dias meu pai já começa a perder a saudade, e aí fica como se morasse com a gente. Mas logo passa e ele tem que voltar para trabalhar.

— Inveja...

O silêncio desceu repentinamente, sabiam o porquê. Lucas virou o rosto para o lado; olhava tudo como se fosse pela última vez, ainda que não fosse. Provavelmente voltaria ali, ir embora só ia no começo do ano, mas, mesmo assim, sentia-se diferente, tudo era despedida. Começou a passar os dedos pela água, olhando fixo para baixo, aproveitava a limpidez daquela parte do rio para procurar algum peixe, pequeno que fosse – não eram águas naturais, rio mesmo? Deveria ter peixe, outro animal que fosse, mas nada aparecia, como sempre.

Nisso ia pensando Lucas, mas pensava lá atrás, numa maneira engraçada de pensar dividido, se concentrava em procurar os peixes, em analisar o porquê de nunca encontrar peixes em um rio como aquele, tanto já ouvira elogiarem a pescaria naquelas águas, tentava definir quais espécies por ali deviam habitar: tilápia, piapara, pacu, corvina, manjuba, tucunaré e até mesmo pintado diziam já ter pescado. Nunca vira nenhum, vira já uma lontra certa vez. Como riram! O bicho

botava a cabeça pra fora, rápido mergulhava e sumia, mal se via a água mexer; procuravam, procuravam, quando viam surgia de novo, mesma cara de malandra, lá quase vinte metros de distância. Como riram, ia pensando Lucas, mas lá no fundo evitava pensar naquilo, esquece, é que ziguezagueava, pra quê.

Viram passar vagorosamente a primeira ponte.

Os garotos aproveitavam a brisa que corria entre as árvores crescidas no leito do rio. O sol já não castigava como há pouco, às vezes até sumia por um tempo, atrás de alguma nuvem ou ofuscado pelo folharal uníssono que tomava as duas margens. O rio descia menos preguiçoso, começava já a engrenar corredeira em algumas partes, pouco ainda. Entre os galhos das árvores, um bando de urubus voava em círculos formando revoadas de sombra nas águas um pouco mais escuras do rio. Às vezes um deles empoleirava-se, ficava acompanhando o voo do resto do grupo, parecia que apreciava. Aí o urubu cansava-se, com força arremessava o corpo ao ar fazendo tremer o galho vacilante sob seu peso, batia uma, no máximo duas vezes as asas e adentrava o círculo de voar tão leve; parecia que esperavam-no, já orquestrando sua chegada, evitando a sua solidão.

— Esses bichos voam, voam, nem mexem as asas.

— Pois é. E nem pequenos não são. Olha aquele ali.

— Um boi.

— É.

Assim seguia o assunto. Parado. Marcos fazia menção de falar, virava a cabeça pra Lucas, que já esperava o comentário do amigo, preparava o seu. Nada

vinha na cabeça. Falar do quê? Corria rapidamente qualquer assunto: escola, futebol, aquela menina nova na sala, aquela outra que todo mundo sabia gostava do Lucas, dizem que ela já comentava com as amigas da ida do garoto. Aí lembrava; pronto! Que todo assunto atravessava uma linha tênue, isso pode, isso não, e era já o isso não, o próprio ato de negar, que trazia em si mesmo o assunto: Lucas ia morar com o pai.

Passaram pela segunda ponte.

A correnteza corria mais depressa, a tarde já devia estar bem adiantada. Os dois começaram a prestar mais atenção no movimento da boia, firmavam os pés na água tentando diminuir a velocidade quando alguma curva mais acentuada surgia à frente. Iam guiando confiantes, conheciam cada curva, banco de areia, ou mesmo galho encoberto pelas águas daquele rio. Silencioso, suave, singelo mesmo, o Das Almas, como às vezes resumiam, seguia seu percurso até o mar com delicadeza; mesmo sua fúria, que não era pouca, seguia essa ordenação das coisas, essa tranquilidade que não mudava nem mesmo quando a correnteza era violenta. Quando as chuvas de final de verão estouravam trovejando sobre sua superfície, ele aceitava com sobriedade esse lufar de vida nova, trepidava um pouco, chacoalhava-se aumentando o espetáculo, mostrando ao céu que espelho é o mar: o Das Almas tinha lá suas personalidades. Era também genioso, que dele fizessem pouco isso é que não aceitava, mas seu estilo era sempre singelo – assim descia todas aquelas terras para chegar ao mar. Calmo mesmo na fúria, contundente mesmo na placidez:

— Olha!

O berro de Lucas foi tão alto, tão repentino e inesperado, que Marcos quase foi boia abaixo. Alguns urubus já meio dormidos sobre as árvores se espantaram, tremeram os galhos derrubando que houvesse de frutas e folhas já meio soltas.

— Quê foi, Lucas, precisa gritar assim? Viu um jacaré por acaso?

— Olha!

Só isso conseguia falar Lucas, repetindo as palavras e os gestos. Imóvel, apontava para a água. Marcos se apoiou e com cuidado levantou o pescoço, esticando-se para procurar o que o amigo apontava. Entre as águas refratárias e amarronzadas esgueirava-se um amarelo vivo, tingido das cores tristes do rio. Foi levantando mais, pode ver bem o que o amigo gritara, que tamanho, nunca vira algo assim: era um dourado!

— Nossa!

Imperceptivelmente, Marcos começou a puxar os pés para cima da boia. Sabia que dourado não comia gente, era óbvio, comia turiva, curimbatá, sarapó; naquele rio provavelmente mais manjuba, piapara e lambari, mas não gente. Era óbvio, até ridículo, sabia, mas o bicho, quase um metro, de repente parecia ser o dono do rio. Não do rio como um todo, leito, árvores e animais ao redor, nem mesmo pássaros voantes sobre as margens, era do outro lado do rio que o dourado assomava reinante, do lado de dentro, do entre-águas. Marcos vacilou foi ante essa ideia. Todo o negro mundo sob seus pés, a areia fina, mas barrenta que se abria finamente para as raízes encharcadas das pequenas algas e plantas aquáticas, os

peixes e pequenos animais, tão nanicos, brigando para deixar que o outro, e não ele, virasse comida para aqueles que, ainda longe de serem grandes, eram maiores. E aí os que ficavam mediando, piau passava engolindo coisa que fosse, inseto ou fruta, com aquela boca pequena, e olhando lá pra cima, estranhando de repente aquela sombra que se projetava; viam todos só a barriga, nem amarela era, tremiam todos, nadava vagabundo e arrogante aquele gigantesco dourado. Isso pensou Marcos, tirou quase que como tique os pés da água.

Lucas não lembrou de piau nenhum, corvina, inseto ou o que fosse, por ali esses nunca passaram; admirava aquele dourado como se fosse ele mesmo. Um peixe naquele rio, o peixe daquele rio, sendo que por isso tanto esperara. Acompanhava os movimentos calmos do bicho com os olhos arregalados, nem falar mais não conseguia. Sentiu-se preso ao rio, àquele lugar, dali não podia sair: era já ele mesmo o peixe, o dourado que reinava aquelas águas; nada ali era capaz de causar-lhe apreensão, tinha quase um metro, era naquelas águas calmas que deveria continuar.

Mas aí é que vinha o desespero, tantos anos esperando pra ver o peixe, agora ali ao seu lado vagava tranquilo um dourado, quase um metro devia ter, e a boia não parava. A correnteza não parava, continuavam descendo. Anos esperando e agora parecia que ninguém lembrava, nada esperava, foi se desesperando, mudo ainda. Marcos ao seu lado também observava o peixe, começava já a virar a boia tanto o menino se levantava para procurar o bicho que cada vez mais distanciava. A cor amarelada foi fugindo, o dourado foi se tornando fosco, meio cinza, já depois

marrom, marrom, marrom, sumiu nas águas. Lucas ficou-se paralisado, o olhar perdido focava o rio que já passara. Olhando para trás o menino se angustiava pensando que o peixe continuava lá, era culpa da correnteza, nem havia maneira de lá continuar – quem partia era ele mesmo. A letargia foi virando ódio, que tinha ele que ver com o movimento das águas? Se o rio procurava o mar, problema era dele? Queria ficar lá com o dourado; ele, Marcos e o peixe. Sempre só os três, assim desejava. A boia segue a correnteza, que segue o declive, que ruma ao mar... e ele que tinha a ver com isso? Alguém perguntara se concordava? Se preferia as águas marrons do Das Almas indo para o mar ou para o coreto da praça tocar zabumba? Isso lá foi com ele decidido? Ocorreu votação? Pois se ocorreu não votara, pra ele não servia. Queria mesmo fosse à merda tudo: ficariam ele, o amigo e o peixe.

A água enegrecia sob a luz profundamente alaranjada do sol. Começavam os barulhos do lusco-fusco; saíam os pássaros de cantar alegre, dando espaço aos sapos, ao excesso de grilos e ao zumbido dos mosquitos. O bruxulear do matagal volteando o rio aumentava, aqui e ali pequenos animais esgueiravam-se às margens do Das Almas. Às vezes algum mergulhava sorrateiro, nem balançar a água não balançava, pouco se podia ouvir, menos ainda ver; ao olhar já tinham passado, sumido no breu do rio. Lucas e Marcos mantinham um silêncio quase sepulcral; os dedos de um ou de outro volteava o plano rijo e tênue cristalizado pela água; era um encostar de mundos, um contato que ligava o de lá de baixo ao de cima, uma multiplicação de sensações. Ainda que tentassem, já não conseguiam mais evitar os pensamentos. Pior: já não tinham mais forças nem pra evitar na cara os

pensamentos que corroíam a sobriedade. Iam tão absortos que ora passavam longos momentos olhando um para o outro sem dizer palavra, ora miravam ao longe, tempo longo passando, nem mesmo saberiam dizer o que olhavam. Já não era mais desespero que assomava sobre as águas do rio, nem havia o que censurar do movimento das águas: era o natural. Foram aceitando. Aceitando calados, sem contestar, parecia não haver mais problema. Mas de repente foi virando mais que aceitação, mais que simples consentimento. Aquietaram-se, pois surgiu-lhes certa ideia; nem se pode dizer que surgiu, parecia já estava ali faz tempo; sempre. Passaram da paisagem longínqua, observaram a imagem mais próxima, foram volvendo o olhar um ao outro, tiveram a ideia juntos, cabeças que em grupo pensaram, talvez pela pouca distância entre uma e outra. E talvez tenha sido esse olhar assim, adivinhando um o pensamento do outro, surpresos de a mesma coisa pensarem, mesmo momento, foi surgindo em cada boca uma fisgada, quase de anzol mesmo, puxando lábio, fazendo abrir-se primeiro em tímido sorriso, depois em grande risada. Estouraram em gargalhada, divertindo-se muito.

Atravessaram a terceira ponte.

Ricardo Russano é formado em Letras pela Universidade de São Paulo e atualmente cursa Biblioteconomia na mesma universidade. Os contos acima fazem parte do livro “Noites áridas ou A insurreição da manhã”, que será publicado em breve pela editora Patuá. E-mail para contato: ricardorussano@gmail.com